EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS TRANSFORMADAS EM PALAVRAS

AESTHETIC EXPERIENCE PROCESSED IN WORDS

Mirian Martins da Motta Magalhães[1]

Abstract *— This article is the result of a didactic experience with journalism students of Augusto Motta University Center (UNISUAM). It was realized they had much difficulty with writing essays, since the composition of simple texts, in the beginning of graduation, until the end of college, when the demand increases, for example, in preparing the final paper degree. Thus, emerged the idea of transforming the text production lessons into practice fields, but seeking to diversify, expanding the aesthetic experiences of students. Taking advantage of what the institution offers to the students, conventional classes were replaced by visits to UNISUAM Cultural Center (CCULT), a space dedicated to embrace all forms of artistic expression, with the aim to approach the culture of the academic community. The experience amplified the students' creativity and diversified the possibilities of themes and types of texts produced.*

Index Terms – text production; aesthetic experiences; cultural repertoire

INTRODUÇÃO

O Curso de Jornalismo do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) completou em 2014 quarenta anos. Nestas quatro décadas ele passou por muitas transformações. Algumas por exigência dos avanços nas rotinas produtivas com a inserção cada vez mais incisiva da tecnologia, e outras por necessidades detectadas pelo corpo docente em relação à forma como os conteúdos eram repassados. Na última década as conversas constantes entre coordenação de curso e professores foi determinante para que os problemas mais urgentes e aflitivos fossem debatidos com mais vigor e que tentativas também fossem colocadas à prova, resultando em alguns fracassos, mas também em vários sucessos.

Deste modo, a experiência que será apresentada é fruto do constante debate e da inquietação que acomete a coordenação do curso bem como seu corpo docente. Embora o incômodo maior em relação ao texto tenha se revelado inicialmente no Curso de Jornalismo, os professores da outra habilitação que a UNISUAM oferece na área da Comunicação Social, Publicidade, também apoiaram o debate. Atualmente há duas disciplinas voltadas para o aprimoramento do texto de uma forma geral, denominadas de Comunicação e Expressão (segundo período) e Estratégias Discursivas (terceiro período), ambas pertencentes às grades das duas habilitações oferecidas, e que serviram de campo empírico.

É importante ressaltar que nada foi planejado. A origem do debate e da aplicação do experimento é quase espontânea, porém à medida que foi sendo adotado os resultados passaram a ser alvo de constantes avaliações, tanto pelas coordenações quanto pelos docentes e discentes.

Como a experiência não é oriunda de premeditação, o quadro teórico-metodológico ainda está sendo construído para que daqui por diante o rigor científico possa ser aplicado e que os resultados, neste primeiro momento satisfatórios, possam ser realmente validados. Assim, na busca da criação da base teórica e metodológica o contexto até agora avaliado possui observações derivadas de conceitos interpretativistas de base fenomenológica, como os difundidos pela Etnometodologia. A Etnometodologia, que tem como precursor Harold Garfinkel, analisa as atividades desempenhadas pelos atores através do raciocínio prático que eles demonstram durante as ações. Segundo Garfinkel, as respostas dadas são uma composição que contêm elementos de origem científica e outros, de origem tácita e/ou prática. (COULON, 1995). A descrição das ações, ferramenta muito utilizada nas pesquisas qualitativas, será usada para relatar a experiência.

ESCREVER

A prática textual, como a própria expressão adverte necessita de exercício. Entretanto, mesmo ele sendo exigido nem sempre os resultados são os esperados. Muitos estudiosos da linguagem afirmam que nós só aprendemos a lidar com ela praticando-a. Desejo expressar-me bem oralmente então devo realizar práticas que envolvam a discussão, o embate, mas oferecido de maneira lógica e convincente. E mais, de modo enfático, porém com a emotividade controlada de acordo com o tema, buscando o tom certo, o ritmo discursivo ideal, mediado pelo volume da voz contemplando meu objetivo, como, por exemplo, a persuasão, o convencimento.

No discurso escrito estes atributos também são necessários. A emoção está na escolha vocabular e na seleção da tipologia textual mais pertinente. O tom, o ritmo mais moderado ou mais incisivo também é transposto no vocabulário, no modelo discursivo e na escolha do modo de organização dos parágrafos. E o volume da "voz" aparecerá através desta escalação, e da comunhão de outros atributos,

[1] Mirian M. M. Magalhães é graduada em Jornalismo pela UGF (1987) e Mestre em Tecnologia pelo CEFET/RJ (2006). É professora assistente do curso de Jornalismo do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) lecionando disciplinas voltadas para a prática textual.

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.349-353
© 2015 COPEC

como o uso da pontuação correta para assinalar pausas, reflexões, indignação, descontentamento, etc. Deste modo, como ressalta Faraco e Mandryck (2008:12): "A escrita é, neste sentido, um diálogo à distância; uma conversa sem presença do outro. Isso, evidentemente, dificulta o trabalho de escrever e, para superarmos essa dificuldade, é necessário assumirmos dois papéis: o de autor e o de leitor".

Falar sobre essas proposições apenas em nível teórico sempre se mostrou muito imaterial, muito subjetivo para ajudar alguém na tarefa de "aprender a escrever". Aliás, ninguém ensina o outro a escrever. O que podemos é mostrar técnicas de organização das ideias, modelos discursivos mais apropriados para determinados textos, critérios para adequação vocabular entre outros, visando o auxílio, uma espécie de *background* fundamental para a prática textual.

Contudo, mais uma vez voltamos à necessidade da prática, do exercício. E foi pensando sobre isso que uma experiência começou a ser aplicada quatro anos atrás nas disciplinas de produção textual do curso de Jornalismo.

Antes de prosseguir é importante fazer uma pausa e contar um pouco sobre o universo que cerca a UNISUAM. A instituição fica localizada na Zona da Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Bonsucesso, mas possui unidades em outros lugares, como Campo Grande, Bangu, e Jacarepaguá. A UNISUAM tem cerca de 20 mil alunos distribuídos pelas unidades citadas, porém a maior concentração está em Bonsucesso.

O curso de Jornalismo funciona apenas em Bonsucesso, onde além das aulas teóricas, os alunos assistem às disciplinas práticas, oferecidas em um prédio anexo exclusivo, denominado de Núcleo Hans Donner. Este espaço possui laboratórios de informática, uma rádio, um estúdio de TV, estúdio de fotografia, auditório para palestras, etc. Embora a instituição ainda não seja costumeiramente citada como centro de referência no ensino da comunicação no Rio de Janeiro, sua direção, incentivada e cobrada pela coordenação do curso, tem trabalhado neste sentido. Este esforço foi reconhecido pelos avaliadores do MEC no ano de 2011, que após visita às instalações e verificação de projetos e conversa com professores e alunos conferiu ao curso de Jornalismo o conceito 4.

Apesar do investimento no nível material, o curso convive e se ressente da falta de investimento na educação no Brasil. Os alunos são majoritariamente oriundos de zonas pobres do Rio (Zona da Leopoldina e Baixada Fluminense), representantes do descaso de anos de falta de políticas voltadas para a educação e especialmente para a instrução de jovens carentes. O alunado é jovem e despreparado, ou é composto por uma faixa etária mais avançada, pois primeiro se inseriu no mercado de trabalho para depois ter condições financeiras de arcar com as responsabilidades de um curso superior.

Eles chegam imaturos, não só emocionalmente, mas intelectualmente. A maioria tem pouca ou nenhuma intimidade com a leitura, não possui hábitos culturais (faltam condições financeiras), além de carência de confiança, demonstrando baixa autoestima, dificultando e, às vezes impossibilitando, um diálogo que favoreça o auxílio na recuperação do tempo perdido.

Voltando ao relato da experiência que vem se realizando, nesses quatro últimos anos as aulas das disciplinas citadas, Comunicação e Expressão e Estratégias Discursivas, têm sido ministradas obedecendo a uma rotina. Cada aula possui um tema, como, por exemplo, apresentar e discutir as características de uma dissertação e seus propósitos. Após o oferecimento de pontos relativos à teoria, um exercício prático é proposto.

As tarefas são variadas, às vezes comportam mais interpretação, compreensão, e outras são práticas textuais, ou seja, confecção de texto obedecendo a critérios previamente revelados e que tenham a ver com a teoria discutida. Desta forma, os trabalhos são direcionados, voltados para apreensão do tema da aula, que é observada durante a correção. Evidentemente os atributos indispensáveis a um bom texto, são sempre observados e cobrados, tais como coerência, coesão, ortografia, sintaxe, etc.

Um ponto observado com recorrência é que textos mais longos, tanto quando solicitados para elaboração como para a leitura costumam apresentar resultados piores. Ou seja, quando é pedido um exercício prático que envolva redações mais extensas os erros apresentam-se em maior número. Fato que também ocorre quando a compreensão envolve textos mais extensos. Este tipo de problema é observado desde as séries do Ensino Fundamental como relata Moraes, após estágio realizado referente à disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I, da Faculdade de Educação da USP: "Os obstáculos mais evidentes nas redações analisadas foram ortografia, sintaxe e níveis de coesão e coerência, "problemas" que se agravaram à medida que o tamanho do texto aumentava. A influência da oralidade na redação dos alunos também foi um tema de destaque, já que a grande maioria transcrevia as palavras da maneira como as falava". (MORAES, 2014)

O termo tecnologia refere-se a um conjunto de técnicas usadas para facilitar a vida do homem, para organizar melhor o seu espaço. Apenas pensando nisso vê-se que as técnicas nos ajudam a tornar o dia a dia mais funcional, mais dinâmico, mais organizado. De tal modo o sentido de produção vem a reboque.

Na produção textual não é diferente, pois as técnicas redacionais nos ajudam a construir um texto mais organizado, mais adequado aos propósitos, portanto mais produtivo. Então, por que não tratar as disciplinas de produção textual como disciplinas essencialmente práticas? Isto é um erro conceitual no entendimento do que é produção textual.

Embora a expressão "produção" seja usada recorrentemente para identificar este tipo de disciplina, o significado da palavra é abstraído e o que fica na mente de todos – alunos e professores – é o acordado socialmente ou culturalmente: que disciplinas assim compreendem aulas teóricas de gramática da Língua Portuguesa. Mesmo não

sendo o maior interesse dos alunos é visível sua decepção quando informados que não verão teoria relativa à gramática, mas a testarão e aprenderão a usá-la melhor a partir da produção de textos. Para Emediato (2007) há um engano das instituições de ensino na hora de desenvolver essa competência nos alunos, achando que uma eficiente produção textual se consegue através da revisão de problemas gramaticais da Língua Portuguesa.

Faraco e Mandryk (2008:10), advertindo sobre a necessidade de escrever bem para qualquer cidadão observam que "esse domínio é essencial para ascendermos à fruição dos bens culturais produzidos no país e à participação efetiva na produção desses bens". Enfatizando que estamos tratando de profissões (destacando o Jornalismo) que envolvem diretamente a produção destes bens, a redação torna-se ponto nevrálgico.

Emediato (2007) afirma que o maior problema dos jovens estudantes é a expressão do pensamento através da escrita, pois eles têm dificuldade de estabelecer relações lógicas entre conceitos e ideias. Esta deficiência, muitas vezes, é decorrente de uma pobre vivência estética, ou seja, da imaturidade intelectual lembrada no início deste relato, tão evidente em alunos oriundos de classes menos favorecidas. Entretanto, ela também ocorre em indivíduos que tiveram acesso a escolas melhores e a outros espaços de cultura.

Uma explicação possível para que esta falta de domínio também seja encontrada nas classes mais favorecidas, porém em menor escala, é a ação equivocada de professores: "Ao reduzir a escrita a uma mera tarefa sem maiores finalidades (escreve-se apenas para preencher linhas e ganhar nota), a escola falseia o ato de escrever e nos dificulta o domínio da escrita". (FARACO E MANDRYK, 2008:13)

LER

Não há como negar que escrever está diretamente ligado a ler. Os alunos que são alvos desta reflexão, apenas ratificando o que já foi dito, têm pouca maturidade intelectual e um ponto observado assim que chegam à instituição é sua dificuldade com a leitura. Eles não gostam, apresentam muita resistência e se intimidam com textos longos.

Algumas tentativas de redução do problema foram aplicadas, individualmente, ou seja, por cada professor, mas houve uma que foi adotada por todos após uma reunião de colegiado na qual o tema foi debatido com ênfase. Depois de várias sugestões, ficou acordado que a cada semestre um professor ficaria responsável por indicar um livro que tivesse a ver com o conteúdo de sua disciplina, e que tal conteúdo seria cobrado no final do semestre (na segunda avaliação) na forma que o professor achasse mais conveniente.

Durante quatro semestres esta prática foi adotada e os livros indicados para leitura foram bem diferentes: desde clássicos da literatura (*Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis em Comunicação e Expressão) até títulos voltados ao Jornalismo (*Pragmática do Jornalismo* de Manuel Chaparro para alunos da disciplina Expressão Jornalística). Porém, após quatro períodos de experiência, o resultado obtido foi muito ruim.

Retornando ao relato, como a estratégia adotada não deu resultado, novas experiências foram testadas, individualmente, em cada disciplina, conforme a necessidade de cada professor em relação à leitura. No caso das disciplinas de prática textual é presente a necessidade de ler, pois é notório – quando isso acontece – o apuro em relação à ortografia, volume vocabular, disposição e natureza das ideias de acordo com o tema abordado, entre outros avanços.

Nesse ponto da reflexão é importante considerar que ler é uma ação sofisticada uma vez que é necessário compreender, decifrar e interpretar as ideias dispostas na forma de texto, ou seja, a leitura exige um esforço de compreensão do mundo e de nossa relação com o mundo. Se não há um mínimo de conhecimento deste mundo não há como nos inserirmos nele, não há compreensão do universo relatado e muito menos do que ele tem a ver conosco. Este é um problema exposto pelos alunos com recorrência após a leitura: "Não entendi nada, não sei o que isto tem a ver comigo".

Para tentar minimizar a resistência uma medida foi tomada nas disciplinas já citadas: sempre trazer temas/textos que fossem próximos ao universo dos alunos, pois Paulo Freire (1985) já advertia: "A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo".

É claro que é impossível atender a todos, mas este cuidado tem se mostrado relevante na medida em que há quebras na resistência. Quando o texto possui conteúdo conhecido, é composto com linguagem próxima (vocabulário coloquial), não é muito extenso e tem aparência estética convidativa (ilustrações, letras, divisão em parágrafos e distribuição homogênea dos mesmos que facilita a leitura) a resistência inicial é minimizada.

Outro artifício usado e que mostrou bons resultados foi o uso da internet nas aulas (uso de textos disponibilizados na rede). As aulas quando são ministradas no laboratório de informática costumam ser mais animadas, uma vez que os alunos podem procurar textos para lerem a partir de uma indicação, que pode ser de site/blog/página ou de tema, mas sem obrigatoriedade, ou seja, eles também podem iniciá-la livremente.

Desta forma, quando a proposta é feita não há, a princípio, proibições quanto à natureza da leitura (autoria, origem ou qualidade da produção) e muitas vezes o aluno é incentivado sim a procurar leituras rápidas. Normalmente o resultado é bastante satisfatório, pois eles debatem, leem uns para os outros as informações que acabam de descobrir e as utilizam na confecção do exercício proposto (da redação que será cobrada no final da aula), construindo textos melhores, mais ricos, tanto em volume informacional quanto em relação à qualidade.

Nota-se também que a rotina de procurar leitura os ajuda a criar critérios para a pesquisa, pois de forma natural percebem que a internet é um território muito fértil, pois eles encontram textos bem elaborados e autorais, resultado do conhecimento do autor, mas também começam a perceber várias reproduções (cópias) e relatos que não são confiáveis, com informações jogadas e não oriundas de apuração aprofundada.

ESCREVER E LER: A PRÁTICA

Wander Emediato, em artigo intitulado *Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas* (2008), destaca a relação professor/aluno em sala de aula como uma relação de poder, uma vez que em todas as relações sociais e comunicativas o poder está presente e estabelece as regras do jogo. (FOUCAULT, 2005)

Para Emediato (2008: 74) "o professor tem o poder e a iniciativa sobre todos os atos enunciativos e sobre todas as modalidades que especificam estes atos: ele pode ordenar, pedir, solicitar, perguntar (...), etc." E ao aluno cabe um espaço limitado de iniciativas: "pode pedir, solicitar e propor, mas não pode (nem deve) ordenar, nem advertir, nem autorizar, nem declarar, sequer afirmar coisas com muita certeza, pois deve, para tranquilidade de seus próprios colegas, admitir seu estado de ignorância".

No trabalho o autor diz que são estes acordos tácitos entre professor e aluno que sustentam a situação comunicativa "sala de aula". A discussão que norteia o artigo não é unicamente direcionada à educação, mas também à tematização que a mídia proporciona ao grande público, se ela é legítima ou não. Entretanto, quando ele cita a sala de aula está colocando as relações que ocorrem lá no mesmo nível das que ocorrem entre jornalismo e cidadãos, ou seja, é quem tem mais poder que determina a pauta.

Assim, admitindo a relação de poder que rege a sala de aula, cabe ao professor direcionar seus alunos no sentido da apreensão de conhecimento e cabe também a ele se indignar com a inércia dos mesmos, que é originária de vários fatores (quase sempre de origem social e econômica), mas que não pode ser mais encarada como "normal".

A experiência que vem sendo adotada nos últimos anos no Curso de Jornalismo da UNISUAM é resultado de indignação, da tentativa de se buscar soluções para problemas graves de redação, mas também da constatação das leis que regem a cena "aula". Embora o modelo sala de aula esteja no mote das discussões pedagógicas, ainda não se descobriu outro modo de ensinar que tenha se mostrado mais eficiente, obviamente não esquecendo as iniciativas que combinam aparatos tecnológicos ou qualquer outro recurso que possa dinamizar o aprendizado. Louco seria o professor que fechasse os olhos à modernidade, recusando-se a inserir novos elementos à aula sempre que possível. Todavia, a estrutura que ainda organiza os cursos superiores é a sala de aula, é a partir das relações que ocorrem nela que acontece o aprendizado.

Pensando sobre essa responsabilidade, de que cabe ao professor oferecer novas vivências, uma outra experiência que produziu resultados interessantes e que mexeu com os alunos foi levá-los ao Centro Cultural UNISUAM (CCULT), local que tem como objetivo aproximar a cultura dos discentes e que se localiza na mesma unidade que o Curso de Jornalismo funciona, Bonsucesso. O CCULT é um espaço que acomoda diferentes mostras artísticas e também é responsável por promover eventos culturais, como feiras de livros, peças teatrais, apresentações de dança, etc.

Em dois momentos diferentes e com aulas com temas distintos, foi proposto uma visita ao CCULT, visando que a produção textual contemplasse além dos conceitos apresentados na sala de aula, a interferência dos objetos artísticos visitados. No primeiro experimento o tema foi Plano do Conteúdo e Plano da Expressão e como exercício os alunos tinham que visitar uma mostra de quadros abstratos que estava exposta no CCULT e, a partir da leitura do plano da expressão da obra, deviam expor, na forma de texto escrito, o plano do conteúdo identificado. Para Hernandes (2005: 228) o plano de conteúdo é o lugar "onde o texto diz o que diz" e o plano de expressão é o "lugar de trabalho das diferentes linguagens que vão, no mínimo carregar, os sentidos do plano de conteúdo". A ideia era essa, expandir o repertório dos alunos, forçando-os a alargar os horizontes, a desenvolver a capacidade de realizar conexões, ampliando as possibilidades de narrativas para uma mesma história.

Em princípio houve resistência e incômodo com o tipo de exercício, segundo alguns alunos "muita viagem", porém, após essa etapa vencida, do desconforto, os resultados começaram a aparecer e serem apreciados pelos discentes, traduzidos através de qualificações como: "divertido, diferente, reflexivo, exercício de introspecção", etc.

A segunda experiência, também realizada com o auxílio dos eventos propostos pelo CCULT, foi mais surpreendente. O tema da aula era a confecção de textos mistos, que usam do auxílio de mais de uma estrutura narrativa, e o exercício solicitado tinha como único ponto uma proibição: não executar textos considerados convencionais, como relatórios ou resenhas. O evento assistido pelos alunos foi uma palestra, cuja temática era o racismo na atual sociedade. A partir do tema central – racismo –, mas auxiliado por todos os pontos discutidos durante a palestra e levantados pelos presentes na hora do debate aberto, foi solicitado uma interpretação da palestra e, em seguida, a confecção de um texto que expressasse o evento com fidedignidade e originalidade.

Lembrando que os alunos que participaram pertenciam as duas habilitações que a UNISUAM oferece, os textos entregues acabaram sendo comuns às áreas, como folders, jornais, charges, etc. É lógico que houve também resistência e inadimplência, porém mesmo considerando as

desistências e os equívocos, o resultado mais uma vez foi bastante expressivo, com mais uma vez ganho de repertório e ampliação dos horizontes expressivos, desmistificando o texto e o exercício da interpretação, ações constantemente colocadas pelos alunos como difíceis e entediantes. Ressaltando a necessidade de contatos cada vez mais variados para a criação de um repertório, Crispino (2014: 2) destaca que "o princípio é simples: para uma associação criativa e eficiente de ideias é necessário ter de onde se retirar os elementos para mesclar, amalgamar e gerar novas informações".

Quando os exercícios propostos são aceitos pelos alunos, quando eles compreendem a necessidade das duas ações discutidas neste artigo, ler e escrever, eles tornam-se menos arredios e mais abertos para quebrarem velhas barreiras, como falta de confiança ou vergonha de sua ignorância acerca do conteúdo.

Não só a divisão das aulas em teoria e prática tem sido determinante para o avanço detectado, mas outras duas iniciativas foram fundamentais no processo: aproximar a leitura do universo do aluno, tanto em relação ao tamanho dos textos quanto aos temas indicados, e oferecer aulas mais criativas e dinâmicas, como as descritas acima.

É importante ratificar que as disciplinas que sediaram os experimentos atendem às duas habilitações e que o texto é ferramenta imprescindível à formação de alunos de Comunicação Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que este relato pareça trivial, posto que não trata de nada rigorosamente novo. Tudo que foi lembrado e destacado muito provavelmente já foi testado e usado por muitos professores. Então, por que compartilhar esta história? Porque há inovação e ela está na combinação das ações aplicadas. O frescor da experiência está na composição.

Primeiro a constatação de que o correto uso da Língua Portuguesa tem sido negligenciado pela escola, optando por aulas teóricas de gramática e achando que elas vão dar conta na hora da aplicação prática, na elaboração da redação. Sem o exercício da escrita estas regras apreendidas e às vezes incessantemente cobradas não levam ao êxito maior: a expressão (oral ou escrita). Sendo assim, sem descuidar da gramática, é necessário investir muito mais na produção textual.

Segundo, a percepção de que há emoções nem sempre reveladas verbalmente, muito pelo contrário, escondidas atrás de sinais, tais como abandono da disciplina, revolta com os textos e temas oferecidos, falta de iniciativa para começar uma produção textual entre outros, como exemplificado no relato da tentativa de adoção de leitura obrigatória e na insistência em oferecer textos mais longos e densos para serem trabalhados em sala de aula.

Terceiro, a decisão do corpo docente de assumir a responsabilidade dos insucessos e arcar com o autoritarismo da sala de aula: é o professor que dirige a cena e cabe a ele conduzir a representação. Em tempos em que a sala de aula é continuamente bombardeada e tida como uma "criação falida" apresentá-la como o campo ideal para mudanças é no mínimo inesperado. É afirmar com ousadia que um modelo tão velho pode ser ainda muito promissor.

O quarto elemento é o trabalho, pois oferecer a cada aula um exercício prático não é algo fácil, muito pelo contrário, estamos falando de pesquisa de temas e possíveis maneiras de se realizar produções textuais, além de grande volume de correção de exercícios semanais.

Quanto aos avanços conquistados, também ainda não há como colocá-los em números, desafio que move o corpo docente nesse momento. Entretanto, após quatro anos de aplicação do método e vários pequenos ajustes fica a certeza de este ser um caminho possível, e a confiança surge do relato dos alunos sobre seus progressos, das consultas mais constantes acerca das deficiências (como saná-las), do clima mais agradável e da frequência maior nas aulas.

REFERÊNCIAS

COULON, A. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995b.

CRISPINO, F. **Em defesa do repertório**. Intercom XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto.** Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2007.

EMEDIATO, W. **Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas**. *In*: LARA, G. M. P. et al. (org.) **Análises do discurso hoje.** Volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

FARACO, C. A.; MANDRYK, D. **Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1985.

HERNADES, H. **Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do Mundo.** In: LOPES, I. C. e HERNANDES, N. (orgs.). Semiótica: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 227-44.

MORAES, M., **O estágio da escrita: problemas de redação no Ensino Fundamental e uma proposta de intervenção com texto literário.** Revista MELP número 3 (ISSN 2176.1736) Disponível em http://www2.fe.usp.br/~lalec/revistamelp/index.php/publicacoes/numero-3/artigos/item/25-o-est%C3%A1gio-da-escrita-problemas-de-reda%C3%A7%C3%A3o-no-ensino-fundamental-e-uma-proposta-de-interven%C3%A7%C3%A3o-com-texto-liter%C3%A1rio Acesso em 05/06/2014.